



Contribuições Multilíngues para um Campo de Estudos Complexo: Uma Introdução aos Afãs deste Livro

Natalia Ávila Reyes

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO CHILE

A pesquisa em escrita na atualidade vive um processo de aberta internacionalização e crescente troca global. Um papel relevante nesta expansão tem sido desempenhado pelos congressos e associações internacionais,¹ que facilitam trocas translocais. Neste momento de expansão e em consonância com as próprias lógicas históricas da América Latina, surgiu a Associação Latino-Americana de Estudos da Escrita em Ensino Superior e Contextos Profissionais, ALES, organização que permitiu o encontro que deu origem a este livro. Tenho o privilégio não apenas de editar e aprender desta compilação de vozes diversas, mas também de poder contar em primeira pessoa a história da nossa associação.

Em outubro de 2016, celebrou-se um intenso simpósio na Universidade do Chile, impulsionado pelo pesquisador argentino Federico Navarro. Após o seu encerramento, um grupo de acadêmicos de vários países nos sentamos no terraço de um restaurante a pensar sobre os termos que queríamos para uma associação que fomentasse a especificidade e desenvolvimento da nossa área de estudos. Definimos uma visão e determinamos alguns elementos imprescindíveis desta proposta, organizamos a chefia e os estatutos que garantissem uma orgânica democrática e começamos a pensar em um segundo congresso.

O II Congresso Internacional ALES foi realizado na Pontifícia Universidade Católica do Chile em outubro de 2018, e congregou pesquisadores e assistentes de 13 países. Neste congresso, dois aspectos centrais do ideário de ALES guiaram a tomada de decisões e a linha editorial. O primeiro destes

1 Por exemplo, a International Society for the Advancement of Writing Research, ISAWR, e o seu congresso WRAB; o SIG Writing da European Association for Research on Learning and Instruction, EARLI, e o seu encontro bienal; a European Association for the Teaching of Academic Writing, EATAW, e a sua conferência bienal; a Association for Writing Across the Curriculum, AWAC, e a crescente internacionalização que impulsiona na sua conferência IWAC, dentre muitas outras iniciativas.

aspectos deriva do carácter aplicado da nossa disciplina na região. Em grande medida, a preocupação pelo estudo sistemático da escrita no ensino superior surgiu das iniciativas educativas institucionais que se multiplicaram na década do 2000 na América Latina, o que tem salientado a necessidade de desenvolver investigação de qualidade para consolidar a nossa disciplina e profissionalizar a nossa ação pedagógica e de influência na política pública. A importância da escrita na agenda educativa e social não pode se sustentar nas narrativas de crise de literacidade, no mito dos déficits de habilidades ou na retórica de unas supostas competências básicas que os estudantes não adquirem ao finalizarem o ensino secundário. Pelo contrário, a importância da escrita deve se sustentar em uma perspectiva informada e intelectualmente desafiante que nos obrigue a pensar o papel e a natureza da comunicação escrita em todos os âmbitos das nossas vidas.

O segundo elemento-chave que inspirou o congresso foi a necessidade de posicionar o conhecimento gerado na América Latina no panorama mundial da disciplina em igualdade de condições. Esta tarefa, que nos fundamentos da Associação temos denominado como uma posição “decolonial”, implica questionar quem produz e quem consome o conhecimento, e gerar ações concretas para diversificar a sua direcionalidade. Na literatura distingue-se “colonialismo” (um tipo de relação política) de “colonialidade”, entendendo esta última como as dinâmicas de poder que emergiram do colonialismo e das que não resulta simples nos emanciparmos; as estruturas de produção de conhecimento encontram-se ao centro destes padrões de poder (Maldonado-Torres, 2007). Deste modo, como associação latino-americana visamos construir uma dinâmica de influência na que desenvolvimentos, teorias e paradigmas também possam oferecer-se desde o sul para o sul e desde o sul para o norte. Com estes dois elementos em mente, profissionalização e decolonização, levantamos o nosso segundo congresso. São também esses os eixos orientadores deste livro.

Antes de chegar à gênese deste volume, tomo a liberdade de compartilhar os meus próprios caminhos teóricos para declarar a necessidade desta troca igualitária. Parece-me um gesto relevante assumir a minha própria posicionalidade neste processo: a de uma acadêmica latino-americana que se especializou nos Estados Unidos,² em um campo cujas denominações fluíam entre *rhetoric and composition*, *composition studies* e *writing studies*, espaço este último sobre o qual posso afirmar mais comodamente que foi o meu lar disciplinar. Como muitas acadêmicas da região, a minha formação original é em

2 Parece-me fundamental a conexão com o artigo “Mirroring Lautaro’s gesture: Towards a canon in Latin American writing studies” (Cortés Lagos, 2021) que explora desde uma posicionalidade semelhante a emergência de um cânone pedagógico regional.

linguística. Os processos de expansão da matrícula universitária, o desenvolvimento de modelos educativos terciários centrados nos estudantes e as reformas universitárias na mudança de século fizeram emergir este novo campo aplicado de prática da escrita universitária na América Latina. Como muitas acadêmicas da região, o meu caminho de estudo começou desde a sala de aula e o desenvolvimento do currículo de escrita.

Caminhar de sul a norte para me formar não foi uma decisão trivial. Para inícios do século XXI, existia um certo implícito de que este conhecimento estava mais desenvolvido em outros lugares, todos ao norte do Chile. Ainda mais, muitas vezes me encontrei relatando aos meus colegas doutorais em Califórnia: “não existe o campo de *composition* na América Latina”. No entanto, em pouco tempo pude começar a problematizar esta ideia um pouco naif que eu repetia. É provável que não tenha existido *composition* da mesma forma em que cheguei a conhecê-la nos meus anos de formação norte-americana; mas, efetivamente, a nossa prática da escrita universitária nutre-se de uma complexa herança disciplinar que inclui a psicologia educativa, os estudos cognitivos da leitura, os estudos do discurso, a análise crítica do discurso e as linguísticas de corte funcional, todos eles poderosos antecedentes que põem em causa a ideia de que na América Latina o estudo da escrita universitária é incipiente, mal desenvolvido ou empobrecido e desafiam essa direcionalidade norte-sul aparentemente tão óbvia.

A pesar de que emigrei para me formar em um doutorado cuja especialização se denominava “*Language, literacy and composition*”, uma especificidade disciplinar que me parecia incrível desde a América Latina nos inícios da década passada, em pouco tempo percebi que os *writing studies* dos Estados Unidos, ainda que se encontrassem em um momento de desenvolvimento disciplinar diferente, possuíam males semelhantes aos de outras latitudes. Assim como na América Latina ainda persistem as lutas contra os denominados discursos do déficit que predominam no público geral e, mesmo na gestão universitária, ainda existem desbalanços de poder simbólico dentro dos espaços departamentais —por exemplo, entre instrutores de escrita e pesquisadores de disciplinas tradicionais como literatura ou linguística—, ainda se mantêm acalorados debates sobre os imperativos epistemológicos e metodológicos para transcender os meros relatos de experiências, ainda se problematiza a precarização do trabalho de instrutores e diretores de programas de escrita. Foi interessante perceber que não era certo que o enorme desenvolvimento disciplinar dos *American writing studies* fizesse com que os desafios da escrita em contextos universitários estivessem resolvidos. Também os estudos da escrita na América do Norte eram, às vezes, “as mulheres tristes no porão” (Miller, 1993), tal como eu senti, em muitos momentos, a minha si-

tuação como professora de escrita no meu país. Todos estes desafios, descobri, podemos pensá-los perfeitamente em conjunto e aprender uns dos outros em uma troca equitativa.

Pude mencionar pela primeira vez essa ideia quando li “Internationalization’ and Composition Studies: Reorienting the Discourse” (Donahue, 2009), um texto que me permitiu reorganizar estas tensões, no meu caso tensões corporizadas, que vivenciava em cada seminário doutoral com os docentes americanos que influíram em mim para sempre. O conceito de “troca igualitária”, que tão sugestivamente propõe Donahue, me permitiu vislumbrar a ideia de que é preciso reivindicar a nossa própria tradição latino-americana, herdeira dos nossos afãs acadêmicos ao longo do século XX, e que os estudos da escrita latino-americanos não são uma adaptação de modelos importados desde outros centros produtores de conhecimento. Mas essa descoberta não fica isenta de novas problematizações. É evidente a necessidade de continuar avançando na profissionalização do campo para conseguir influir em uma mudança de direcionalidade do conhecimento. Em um primeiro nível, é um desafio sul-sul: diferentes pesquisas mostram a unidirecionalidade da teoria e os métodos na investigação latino-americana. Pesquisar em escrita na América Latina nos inícios do século muitas vezes se circunscrevia a narrativas de “casos” de salas de aula, universidades ou países analisados com quadros conceituais vindos do exterior (Ávila Reyes, 2017; Navarro et al., 2016). O segundo nível, mais complexo, é o desafio da direcionalidade sul-norte. Neste espírito é que nasceu primeiro ALES e, seguidamente, este livro: quisemos habilitar um espaço físico de troca acadêmica que, quiçá, conseguíssemos empurrar para um de tipo igualitário. O espaço editorial que acolheu esta aposta, a nova seção latino-americana da série *International Exchanges* de The WAC Clearinghouse, cumpre em grande medida a mesma missão.

Após o II Congresso ALES, muitos colegas de diferentes latitudes fizeram-nos saber sobre o impacto que teve neles a experiência multilíngue e imersiva de painéis e plenárias nas que recorremos a interpretações profissionais, *code-switching*, uso alternado de idiomas em apresentações e materiais e, ainda alguns painéis multilíngues sem interpretação, nos que palestrantes e assistentes espontaneamente fizeram *translanguaging* para poderem conversar. Este “experimento” visava marcar um ponto: para iniciar uma nova conversa, era preciso criar espaços em que pudéssemos escutar todas as vozes. Este é o sentido deste volume: reunir, pelo menos em parte, essas contribuições multilíngues que começaram a ser escutadas em 2018.

Este livro, então, não é um volume de atas. É sobretudo um esforço de plasmar a diversidade de perspectivas que habilita um diálogo amplo sobre a escrita. Tratou-se de uma convocatória aberta, na que infelizmente ficaram de

fora algumas importantes perspectivas que estiveram presentes no congresso. Esta foto é, inevitavelmente, parcial. Recebemos uma grande quantidade de propostas de capítulos, as que foram avaliadas por pares externos e pela editora para sua pré-seleção. Logo, os capítulos completos recebidos foram novamente submetidos a revisão por pares duplo-cego, pelo que devo agradecer aos 16 revisores anônimos, destacados acadêmicos da Argentina, o Chile, o Brasil, os Estados Unidos, o México, o Reino Unido, o Peru e Portugal.

O resultado é um livro internacional e multilíngue: convivem neste volume textos em espanhol, inglês e português, fruto do trabalho comprometido e muitas vezes voluntário de muitas pessoas. Dentre estas gostaria de destacar as assistentes editoriais: Lina Calle-Arango e Ana Cortés Lagos, ambas candidatas doutorais, no norte e no sul, que participam e investigam na nossa disciplina. Os capítulos reúnem contribuições (em ordem de aparição) do Reino Unido, os Estados Unidos, o Chile, o Brasil, a Suécia, a Argentina, a Colômbia, o México e a Espanha. Vários destes trabalhos são colaborações através de idiomas ou locais geográficos. Estes também abordam a investigação em escrita desde perspectivas muito amplas, desde estudos etnográficos até análises linguísticas de corte sistêmico-funcional. No seu conjunto, estas contribuições multilíngues convidam-nos a pensar em uma disciplina que pode informar exhaustivamente sobre um objeto de estudo de natureza complexa, como é a escrita.

O livro inicia com uma seção denominada “Contribuições teóricas à conversa sobre escrita”. A primeira destas contribuições é justamente multilíngue e aborda a conversa sobre a localidade e globalidade do conhecimento que propomos em ALES: **Theresa Lillis** abre a seção com um artigo que experimenta o uso de duas línguas intercaladas para salientar o valor de trazer múltiplos recursos à investigação sobre escrita, além de discutir as origens da corrente conhecida como *Academic Literacies* e a pertinência e alcances de utilizar esta teoria translocalmente. Seguidamente, **Bob Broad** oferece um persuasivo ensaio em torno da necessidade de incluir de maneira central aos professores no desenvolvimento de avaliações de escrita de grande escala. Enquanto este texto põe no centro da discussão como uma maior participação e agência docentes podem contrabalançar as consequências indesejadas da avaliação padronizada e aumentar a validade destas medições, propõe o importante desafio de educar profissionalmente aos professores de escrita para este fim. Por sua vez, **Alejandra Meneses** oferece uma colaboração transnacional junto a **Paola Uccelli** e **Marcela Ruiz**, na que se explora o desenvolvimento da linguagem acadêmica em idades escolares. O artigo introduz o construto de linguagem acadêmica transdisciplinar, exemplifica o seu desenvolvimento com dados do Chile e argumenta sobre o seu papel catalisador da equidade educativa, ao ser

um mediador das aprendizagens escolares. A seção conclui com um ensaio de **Charles Bazerman** que reinstala a necessidade de desenvolver pesquisas para compreender a escrita como uma “arte prática”, do que poderia pensar-se que se aprende ao fazer e sem necessidade de instrução ou investigação sistemática. Bazerman oferece um nutrido percurso por um tipo de pesquisa que honra a natureza prática do seu objeto de estudo e que oferece também conclusões práticas para adotar no ensino e na própria escrita, abordando temas como os processos, a transferência de conhecimento, a ansiedade ou o desenvolvimento no ciclo vital.

A segunda seção do livro, “Multilinguismo e escrita universitária”, oferece dois capítulos sobre ensino e aprendizagem de segundas línguas. Em primeiro lugar, **Jaci Brasil Tonelli** e **Eliane G. Lousada** exploram as capacidades linguísticas requeridas por Estudantes de Língua e Literatura francesa para a escrita de resumos em segunda língua desde uma perspectiva interacionista sociodiscursiva. Os resultados incluem variedade de aspectos como o conhecimento do gênero e sua voz enunciativa, recursos anafóricos e conhecimento gramatical, como a conjugação e as contrações da língua francesa. Em segundo lugar, outra colaboração transnacional, desta vez entre a Suécia e o Chile, de **Alejandra Donoso**, **Rakel Österberg** e **Enrique Sologuren** analisa discursiva e contrastivamente as produções acadêmicas na universidade de três tipos de falantes do espanhol na Suécia: nativos, de segunda língua e de língua de herança. Os resultados revelam que cada grupo tem padrões diferenciais em aspectos como a estrutura retórica, a subordinação e o uso de conectores. Estes padrões parecem explicar-se não apenas por antecedentes linguísticos, mas também pelos tipos de escolarização prévia.

A terceira seção do livro “Práticas letradas e ensino da escrita” oferece um vasto percurso de aproximações para pensar o ensino da escrita. O primeiro capítulo, de **Laura Eisner**, analisa com uma perspectiva etnográfica a interação para a escrita de um texto. Trata-se de estudantes pouco familiarizados com as formas de literacidade dominantes que assistem a uma escola de adultos na Argentina. Os resultados evidenciam as formas em que os aprendizes interagem para atingirem a construção de uma “voz autorizada”, trazendo muitas vezes recursos desde outras práticas letradas para se ajustarem à expectativa de literacidade acadêmica na escola. **Olga López Pérez** e **Joana Chávez** relatam uma pesquisa com docentes universitários de psicologia no México. As pesquisadoras identificam dois tipos de práticas que denominam “inovadoras”, posto que não fazem parte das diretrizes curriculares. Nas práticas inovadoras que chamam de institucionais, os professores enfatizam o ensino da escrita como meio para cumprir da melhor forma com as tarefas curriculares estabelecidas. Nas práticas que denominam autogestionadas, em

contrapartida, os professores criam tarefas com potencial epistêmico fora das orientações mandatadas pela instituição. A seção continua com o trabalho de **Joan Mullin** e **Jan Rieman**, que partilham os resultados do seu estudo longitudinal com 19 participantes da Universidade de North Carolina, Charlotte. Os seus resultados revelam que os estudantes aplicam sim as aprendizagens do primeiro ano a outros gêneros, mas tem escassas oportunidades para continuarem desenvolvendo a aprendizagem da escrita após aprovarem os cursos de escrita, o que abre importantes desafios aos responsáveis pelo ensino da escrita a fim de garantirem a transferência desses conhecimentos ao longo dos anos. Logo, **Elizabeth Narváez** lidera uma equipe de seis autores de diferentes instituições colombianas para indagar as práticas de escrita que desenvolvem os graduados de diferentes carreiras na sua vida profissional. Dentre as suas descobertas, destaca o papel preponderante da escrita para exercer funções de liderança, coordenação e gestão de projetos em todas as disciplinas estudadas, enquanto a escrita para a pesquisa resulta central apenas para alguns grupos de graduados. Seus resultados oferecem importantes pistas para orientar o ensino da escrita nas universidades. A seção encerra com o trabalho de uma equipe autoral de nove pesquisadores liderados por **Federico Navarro**. Neste estudo, os autores analisam contrastivamente as concepções sobre a escrita universitária em um grupo de 360 estudantes de uma universidade chilena com um desenho transeccional que abarca dois grupos: ingressantes e graduados, em seis disciplinas. Entre as descobertas se encontram evidências de um processo gradual de enculturação, mas também que os graduados manifestam ter aprendido de forma solitária e mediante tentativa e erro.

A última seção refere à filiação linguística dos estudos da escrita universitária na região, e permite cruzar interesses discursivos e educativos com grande originalidade. Em primeiro lugar, **Estela Moyano** oferece uma descrição sistêmico funcional da seção de discussão de um artigo de pesquisa, com ênfase no propósito, a estrutura e os recursos discursivos relevantes. Esta análise oferece-se como insumo para o processo de “desconstrução conjunta”, um dos três passos de um modelo inspirado na pedagogia do gênero de Jim Martin e David Rose e que inclui uma desconstrução de um exemplar modelo do gênero, uma construção e uma edição. De maneira similar, **Orlando Vian Jr.** propõe um ensino “gramaticalmente orientado” —em consonância com a ideia de ensinar a “pensar gramaticalmente” do linguista Michael Halliday— para a escrita de resenhas acadêmicas em inglês por estudantes brasileiros. O autor expõe o seu Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA) que inclui a construção do contexto em torno do gênero resenha; o modelamento do texto, com especial atenção à modalidade e a avaliação; seguidas da prática guiada e a escrita

independente. O livro conclui com a contribuição de **Juana Blanco**, quem aporta evidências de um ciclo de pesquisa-ação no que a proposta sistêmico funcional *Scaffolding Academic Literacy* (SAL) se põe em prática para a escrita de resumos em uma universidade da Espanha. Após a aplicação dos passos do SAL, a autora acha diferenças estatisticamente significativas em aspectos como o propósito, a estrutura esquemática, a ideação, os significados interpessoais e a periodicidade; não ocorre o mesmo com a valoração, a identificação e a sintaxe da modalidade escrita, o que abre novos desafios para um próximo ciclo de intervenção.

Em síntese, neste livro convivem visões heterogêneas sobre a natureza da escrita, que em conjunto buscam construir um panorama complexo do seu ensino e aprendizagem em diversas línguas na universidade, incluindo vínculos necessários com o ensino escolar e o mundo do trabalho. Esperamos que estas “Contribuições multilíngues” enriqueçam a compreensão conjunta do nosso objeto de estudo e aporem para a diversificação das vozes que oferecem evidências empíricas sobre a escrita.

Terminamos a montagem deste livro em 2021, no segundo ano da pandemia mundial pela COVID-19, um cenário que jamais imaginamos quando nos reunimos no congresso ALES, em outubro de 2018, nem quando começamos a elaborar este livro. Vivemos hoje em um mundo do distanciamento físico e da insegurança econômica; um mundo com maiores desafios, com importantes brechas educativas que a pandemia tem salientado e agudizado; um mundo que chora a perda de milhões de vidas, como cada um dos países representados neste volume. Paradoxalmente, este transe histórico tem feito com que nos conectemos mais; são tempos nos quais temos podido concretizar como nunca antes a colaboração internacional. Agradeço a paciência e o esforço de todos os atores deste processo para conseguir levá-lo a bom porto apesar de todas as dificuldades que vivemos.

Concluo então este prólogo com palavras de esperança, com a ilusão de poder encontrar-nos em breve e continuar colaborando, falando as nossas múltiplas línguas em espaços físicos nos quais possamos nos ver, nos escutar, discutir, aprender, brindar e nos abraçar.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos:

Ao primeiro Comitê Diretivo de ALES (2016-2021), presidido por Federico Navarro e integrado por Mónica Tapia-Ladino, René Venegas, Alma Carrasco, Estela Moyano, Soledad Montes, Violeta Molina e Valentina Fahler. Obrigada por me confiarem a organização do congresso e a edição deste livro.

A Chuck Bazerman, pelo seu apoio em cada um dos nossos projetos, a Mike Palmquist e ao diretório editorial de The WAC Clearinghouse por confiarem em nós, a Magnus Gustaffson pela sua leitura atenta e generosa, a Lorena Medina, ex-Decana da Faculdade de Educação, pelo seu apoio irrestrito às atividades da Associação, e à colega Javiera Figueroa, cuja generosidade fez muito disto possível.

Referências

- Ávila Reyes, N. (2017). Postsecondary writing studies in Hispanic Latin America: Intertextual dynamics and intellectual influence. *London Review of Education*, 15(1), 21-37. <https://doi.org/10.18546/LRE.15.1.03>
- Cortés Lagos, A. (2021). Mirroring Lautaro's gesture: Towards a canon in Latin American writing studies. *College English* 83(5), 335-356.
- Donahue, C. (2009). "Internationalization" and composition studies: Reorienting the discourse. *College Composition and Communication*, 61(2), 212-243.
- Maldonado-Torres, N. (2007). On the coloniality of being. *Cultural Studies*, 21(2-3), 240-270. <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>
- Miller, S. (1993). *Textual carnivals: the politics of composition*. Southern Illinois University Press.
- Navarro, F., Ávila Reyes, N., Tapia Ladino, M., Lopes Cristovão, V. L., Moritz, M. E., Narváez-Cardona, E., & Bazerman, C. (2016). Panorama histórico y contrastivo de los estudios sobre lectura y escritura en educación superior publicados en América Latina. *Revista Signos*, 49(S1), 100-126. <https://doi.org/10.4067/S0718-09342016000400006>